



As cadernetas agroecológicas a desvelar trabalho e resistência aos grandes projetos de desenvolvimento

The agroecological notebooks unveiling work and resistance to large-scale development projects

CARVALHO, Eduarda Diana¹; GOMES, Ana Alice França da Silva²; DE SENA, Elizete Pires³; BRANDÃO, Luciene Aparecida Campos Viríssimo⁴; SILVA, Marciléia dos Santos⁵

¹ UFVJM, eduarda.diana@ufvjm.edu.br; ² UFVJM, ana.franca@ufvjm.edu.br; ³ UFVJM, elizete.pires@ufvjm.edu.br; ⁴ UFVJM, virissimo.luciene@ufvjm.edu.br; ⁵ UFVJM, silva.marcileia@ufvjm.edu.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

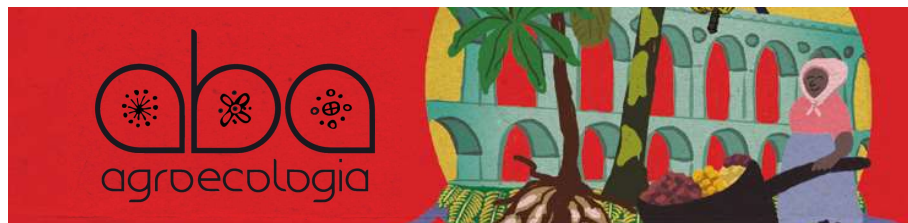
Resumo: O relato a seguir conta uma parte da experiência das autoras a partir de projetos de extensão e pesquisa. Buscamos narrar os encontros vividos com as mulheres camponesas e quilombolas do Médio Espinhaço no Alto Vale do Jequitinhonha/MG, que estão em conflito com os grandes empreendimentos de saque de minérios que há muito se instalaram na região. Com o uso das Cadernetas Agroecológicas, propomos a revelação do trabalho feminino como mais um enfrentamento aos projetos de destruição, percebendo que as mulheres camponesas resguardam muito mais que a terra que ocupam, salvaguardam o território, a soberania alimentar, as águas e as matas, nossa socioagrobiodiversidade e, acima de tudo, a vida. Propomos aqui, um relato de como o campo, pelas mãos femininas, não só gera renda como também promove a igualdade e justiça social.

Palavras-Chave: cadernetas agroecológicas; mulheres camponesas; resistência.

Contexto

É nos interiores do Médio Espinhaço que nos organizamos coletivamente com as mulheres camponesas e quilombolas, utilizando as Cadernetas Agroecológicas como instrumento de resistência aos grandes projetos de desenvolvimento que se instalaram e ameaçam as cidades e comunidades mineiras de Conceição do Mato Dentro, Dom Joaquim, Alvorada de Minas e Serro. Na busca de desvelar o trabalho, habitualmente invisibilizado das mulheres agricultoras, que contribuem tanto para a produção de alimentos saudáveis, promovendo a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional das famílias, quanto para a geração de renda nos seus lares e na preservação da socioagrobiodiversidade.

Desde junho de 2021, o projeto das Cadernetas Agroecológicas - intermediado pelo Observatório dos Vales e Semiárido Mineiro - vem atuando nas comunidades em parceria com o Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM), no intento de aproximar a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) aos movimentos sociais e ao campo. Por meio de ações que contribuam para a



formação das mulheres e a valorização de seu trabalho, sua autonomia econômica e social, cooperando para a superação das desigualdades impostas pela divisão sexual do trabalho e para o fortalecimento de práticas agroecológicas nas regiões abrangidas pelo projeto.

É importante destacar que as comunidades envolvidas no projeto estão diariamente no embate aos grandes projetos de desenvolvimento que há tempos se instalaram na região. Existem mulheres morando à jusante da barragem de rejeitos da Anglo American, mulheres morando envoltas às cortinas de eucalipto e ainda sofrendo ameaças quanto à instalação de um projeto de mineração da empresa Herculano, mulheres que não conseguem plantar por não ter água, enfrentando as mais diversas violências que esses empreendimentos carregam consigo.

Outra nota de bastante relevância é o fato que estes escritos também são atravessados por diversas mãos. Aqui, relatamos conjuntamente nossas experiências individuais a partir daquilo que nos une! Somos um grupo de mulheres que vivenciamos cada passo do projeto das Cadernetas junto às agricultoras. Algumas de nós, para além de estar institucionalmente no projeto, vivenciamos os mesmos no cotidiano de nossas comunidades. Portanto, este relato é um grande encontro, de nós com tantas.

Descrição da Experiência

O projeto nasceu enquanto extensão universitária e foi se encorpando como projeto de pesquisa. Rapidamente fomos nos envolvendo com as comunidades, fazendo com que o projeto fosse construído por muitas mãos: desde as agricultoras que semeiam a terra, suas filhas e filhos, educandos e educadores de diversas áreas do conhecimento/s. A proposta sempre foi muito expressiva, acreditamos que a Universidade deve vir-a-ser Popular e assim vamos contribuir para esta construção junto às comunidades rurais e quilombolas de Ausente, Cachoeira, Córrego da Gameleira, Passa Sete, Queimadas e Ribeirão de Trás.

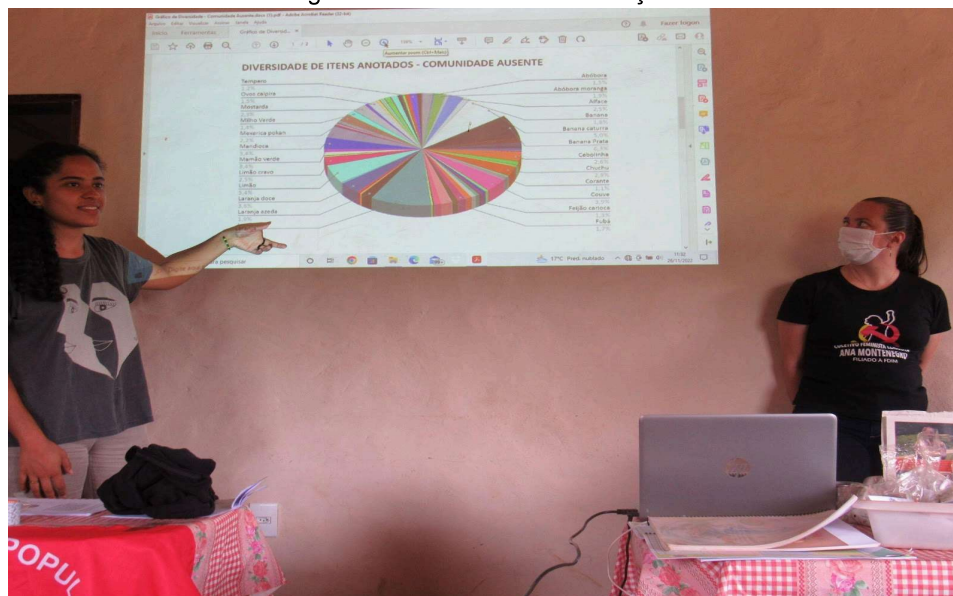
Propomos o empoderamento das Cadernetas Agroecológicas como ferramenta para valoração - monetária ou não - do trabalho realizado pelas mulheres agricultoras dessas regiões, ao passo que, se empoderam ao se darem conta do papel desempenhado como provedoras de seus lares e protetoras de seus territórios que são vistos pelo capital como um buraco a ser aberto e explorado, violado e saqueado.

Para tanto, o projeto funcionou da seguinte forma: apresentamos às mulheres dessas comunidades, previamente mapeadas com práticas agroecológicas, as Cadernetas Agroecológicas – uma ferramenta desenvolvida pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira (CTA-ZM) que busca mensurar as relações econômicas daquilo que é cultivado e/ou produzido pelas mulheres. Um caderninho com quatro colunas que as agricultoras preenchem, mês a mês, os



cultivares/produtos que foram doados, trocados, consumidos e vendidos detalhando o valor e quantidade de cada item. A cada mês que se inicia, as anotações são encaminhadas a uma equipe que se responsabiliza pela tabulação e sistematização desses dados que retornarão em devolutivas – aqui, chamamos revelações – após seis meses.

Figura 1 – Momento das revelações



Fonte: Acervo do Observatório dos Vales e do Semiárido Mineiro.

Aquelas que sentiram vontade de participar do projeto foram se envolvendo e, posteriormente, passaram por todo o processo burocrático de assinatura de termos e licenças para participarem também da pesquisa. Quando já estava tudo pronto, autorizações assinadas, Cadernetas enviadas, papo em dia, os percalços começaram a aparecer e, além de tudo, ainda enfrentávamos um cenário pandêmico devido a Covid-19. Imagine só, se conectar ao campo de modo remoto. Muitas agricultoras sequer tinham acesso à internet, quiçá um aparelho para tal acesso. Para além das telas, algumas mulheres não sabiam ler e escrever e dependiam de terceiros para realizar as anotações, porém, estávamos em período de isolamento. Nesse momento, o papel dos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, que residiam em algumas dessas comunidades, se fez de suma importância, visto que, com todas as precauções cumpriam essa tarefa.

Chegou-se então outro momento: a volta dos encontros presenciais. Um respiro, mesmo que de máscara e com as mãos empapuçadas de álcool em gel. Assim foi o primeiro encontro com as mulheres: todas reunidas num só canto! Vendo o sorriso pelo olhar. A gente da Universidade não tem muitas pernas, não são muitos os recursos, por isso, cada encontro carrega muitos significados e revelações. A começar pelo próprio termo “revelações” que veio a substituir o termo “devolutivas”, uma vez que as mulheres entendiam que teriam que devolver as Cadernetas e isso



não era querência, portanto, nossas idas se davam para revelar, muito para além da quantificação do trabalho que elas realizam, revelam-nos coletivamente, no tocante de cada um, um jeito novo de se ver/ler o mundo, a partir de nós mesmas/os. Afinal de contas, se ajuntar com todas as mulheres participantes do projeto num único espaço-lugar é de imensurável valia, promover o intercâmbio de experiências, as trocas de saberes, sementes, alegrias e afetos é mais uma forma de se fazer resistência. É uma trabalhadeira, uma burocracia danada, mas no final reaviva o esperar.

Figura 2 – Primeiro encontro de mulheres



Fonte: Acervo do Observatório dos Vales e do Semiárido Mineiro.

Nesse primeiro encontro também foi proposto que as mulheres apresentassem um mapa da socioagrobiodiversidade e seu lugar de autonomia em seus lares. Uma casinha no meio, uma horta perto da cozinha, a plantação, o espaço das criações, o tanque de água, frutas para mais de metro e lá adiante, a mata preservada. Tudo isso num pedaço de cartolina, para nos dizer onde é o lugar da mulher! A resposta não é tão misteriosa, as mãos que desenham são as mesmas que plantam, calejadas e fortes apresentam o quintal produtivo como tal lugar. Onde a palavra masculina não é deliberativa. Os quintais se mostram como a resistência da mulher camponesa frente aos ideais impostos diante a “função” da mulher segundo os fundamentos do patriarcalismo. Tanto nos papéis a serem desempenhados nos núcleos familiares, quanto na sociedade/mundo do trabalho. Descobrimos que o lugar da mulher atravessa aquilo que há de bens, não se restringe numa escala ou único espaço, lugar se torna a proteção de nossas matas, águas, de nossos alimentos e o chão que ocupamos.

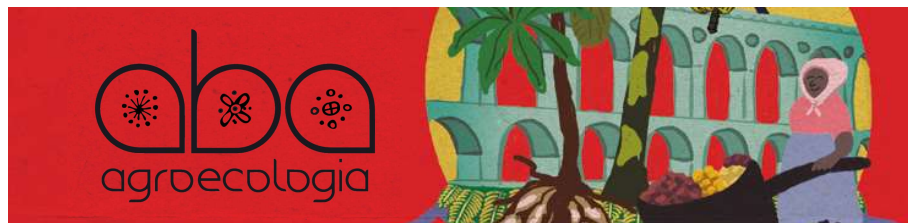


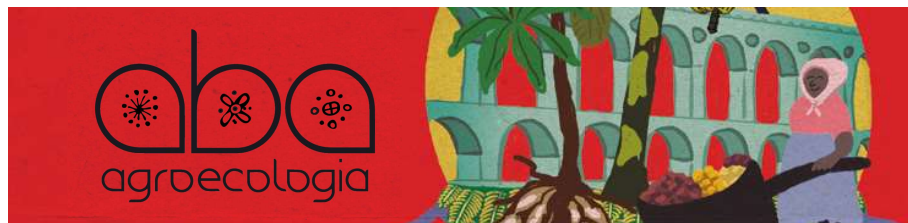
Figura 3 – As mulheres segurando seus mapas



Fonte: Acervo do Observatório dos Vales e do Semiárido Mineiro.

E é sempre assim, um mundo de descobertas a cada atividade. Em um outro encontro de revelações, o rumo se estendeu às discussões quanto à diversidade dos alimentos. Aquilo que é nosso e aquilo que foi trazido para nosso território/cultura. Foi espantoso descobrir que quase tudo aquilo que é cotidiano de nossa alimentação, não é nativo de nosso país e que muito do que é nosso foi descartado como fonte de sustância. Ora-pro-nóbis, jurubeba, jaboticaba, peixinho-da-horta, pitanga, um monte de alimentos das mais diversas ordens que estão enraizados em seus quintais e que fogem até mesmo das anotações por serem considerados comuns demais da região, as famigeradas Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's). É com base nas análises das anotações que essas discussões são levantadas e concretizadas em oficinas/formações. É bonito demais perceber que as agricultoras estão construindo coletivamente o conhecimento diante daquilo que lhes é sabido, e só é.

O projeto vai indo, entra ano e sai ano. Temos alguns desafios e com “jeitinho” eles vão sendo superados. De tudo, percebemos que talvez o mais difícil seja manter a frequência das anotações, visto que muitas mulheres não sabem escrever e dependem de terceiros para realizar essa tarefa e, infelizmente, nossas curtas pernas de Instituição não conseguem alcançar cotidianamente as agricultoras. Infelizmente, é um problema estrutural de nossa sociedade: a lida com o campo, principalmente, com mulheres do campo, quando se é quilombola, então. Percebe-se a falta de assistência por parte daqueles que são eleitos para defender nossos direitos. Muitas mulheres sequer conheciam e/ou sabiam de seu direito de acesso às políticas públicas de permanência no campo, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar e tantas outras políticas que fortalecem a agricultura familiar. E, nesses encontros de revelações, na partilha das vivências, ficaram atentas quanto à garantia desse direito: as mulheres que já acessaram algum programa ensinaram para outras. Partilha é isso: o comunicar ao outro. Parece muito com Educação.



São tantas e tamanhas vivências que, por um instante, questionamo-nos quanto ao uso dos dados revelados, são valores importantíssimos. Mas, pensando bem, com o coração, as revelações se traduzem nas trocadas, em cada quintal, cada cozinha aquecida pelo fogão a lenha, cada café e em cada diálogo. As revelações são as próprias sujeitas. Não se mede a potência da organização de tantas agricultoras, um protagonismo orgânico. Certa vez, numa dessas rodas de mulheres, disseram assim: *Onde é que tenha um conflito, sempre haverá um enfrentamento, geralmente puxado por mulheres. Ao passo que essas são os alvos primários do inimigo capitalista, visto que capital caminha, lado a lado, com patriarcado. É uma simbiose que se quebra com feminismo.*

Resultados

Os resultados, o método, a perspectiva sempre atravessam um único objeto, o sujeito. Nesse projeto, as sujeitas. Num todo, em coro. Ora, dizemos daquilo que nos une, no concluso daquilo que ainda se faz em curso, o que nos une é o aprender. Ou melhor, o aprender a aprender. A Universidade às vezes nos prende de uma forma. Tudo muito corrido, quase não dá tempo. E ainda é uma instituição enviesada pela classe dominante. O que explica a correria. Parece que não é terra para nós. Mal sabíamos como entrar, se portar ou até estudar. É muita burocracia pra falar com o povo. Se esbarrar com o projeto das Cadernetas Agroecológicas foi um respiro. Como se saíssemos da profusão de um mergulho que demos com roupas pesadas. Vez ou outra, vem uma tristeza, cada história de cada mulher reverbera centenas de emoções, essas que as palavras nunca dirão tudo. Mas, entre as durezas da vida, que sabemos bem o causador, sempre há de abrihntar o esperar.

Enquanto filhas de agricultoras, quilombolas, estudantes e futuras educadoras, as Cadernetas revelaram a potencialidade encontrada no campo no enfrentamento, na construção da luta, no embate direto ou indireto aos grandes projetos de destruição. E tal luta perpassa o conflito com a mineração, ela se revela como uma força pungente para a construção de um novo projeto de sociedade. Força que nem sabíamos que também tínhamos. É um 'trem' contagiante! É muito íntima essa troca. Quiçá, essa intimidade que comandou todo o processo. Tudo se deu nos encontros, na escuta paciente e também nas dores do trajeto. No se reconhecer mulher, preta, quilombola, agricultora, camponesa, resistência. Por fim, os dados sistematizados, são apenas números que apresentam essa resistência, que tem nome, agroecologia.

E vamos avante, na defesa de nossos povos – especialmente nossas mulheres – e territórios, pela construção de um projeto de país popular e uma Educação/Universidade que verse com as temáticas do campo, atuando como mais uma força no enfrentamento das violências do grande capital.